

# Festa de Iansã em todos terreiros

Hoje é dia de vestir estampado rosa e azul, com ferro vermelho, comer acarajé, acender fogueira, dar polimento nas espadas porventura existentes em casa, e, principalmente, pedir a Iansã (Santa Bárbara na religião católica) paz, saúde, felicidade e o que mais for necessário para se viver bem. Ela é a única orixá mulher que pode usar coroa, a verdadeira rainha, dona dos ventos e dos raios.

Quem faz este alerta é Mãe Toinha, filha de Xangô, feita aos 15 anos de idade por

Mãe Menininha do Gantois, na Bahia, onde nasceu. Ela, com o seu marido José Correia, filho de orixalá, são os presidentes da Sociedade Espírita Santa Bárbara que fica na UR-I, avenida Pernambuco, Ibura. Ambos preferem ser chamados de "zeladores de santos" e apesar de não fazerem críticas a ninguém, afirmam que o assunto é muito sério, mas nem sempre recebe o tratamento adequado.

Mãe Toinha, que em maio do próximo ano com-

pleta 38 anos de atividade religiosa como zeladora de santos, ao contrário dos anteriores, não fará festa este ano. Com problemas cardíacos, ao invés da cerimônia com todo o ritual característico preferiu homenagear Iansã com distribuição de prendas. "Fazer o bem é muito importante e é esta a minha missão", explica.

Neste domingo sua residência (onde funciona a Sociedade) será o ponto de entrega de cinco mil presentes às crianças e donas de casa ca-

rentes que já receberam o cartão. Brinquedos, roupas, enxovais para recém-nascidos, serão oferecidos à garotada e as mães levarão comida (macarrão, fubá, etc).

"Eu faço esse trabalho de assistência aos pobres graças a ajuda de alguns filhos de santo que fiz, de pessoas que orientei, ouvindo e transmitindo mensagens. Seria muito bom que outras instituições, ou mesmo particulares, também cuidassem dos pobres, dos carentes, dia Mãe Toinha.

Ela explica porque Iansã

é a única rainha orixá. "Exu um dia perdeu seu pai Orixalá, vestido de preto. Ifá mandou procurar. Iansã o encontrou e por isso ganhou a coroa. Mas não pensem que Iansã é africana. É grega, alta e clara".

"As filhas de Iansã - o santo de cada um só pode ser conhecido através do misterioso jogo de búzios - devem ir ao cemitério e à igreja às quintas-feiras para ter paz e tranquilidade. Neste dia não devem tomar bebida alcoólica

e nem ter relações sexuais", salienta.

Segundo ela, "as filhas de Iansã gostam de mandar (afinal a santa é guerreira; mora em palácio; gosta e vive sempre por cima). Dificilmente são prostitutas, mas só respeitam o homem se ele for forte; caso contrário a união não dá certo.

"Mas, as que têm Iansã de frente, geralmente são brabas, violentas. Detestam mentira. Gostam de andar bonitas; são vaidosas e trabalhadeiras; valentes e decididas.

## *Maracatu Leão de Judá desenvolve projeto em favor da cultura*

Em convênio com a União Espírita de Umbanda de Pernambuco e a Confederação Social dos Cultos Afro-Umbandistas de Pernambuco o Maracatu Leão de Judá, agremiação carnavalesca e que tem também por finalidade desenvolver projeto de preservação da cultura afro-brasileira, promoverá quarta e quinta-feiras próximas, no 1º Jardim de Boa Viagem, a festa intitulada II Confraternização dos Cultos Umbandistas de Pernambuco. Na oportunidade, centenas de terreiros do Grande Recife vão reverenciar a deusa Iemanjá, com diversas manifestações folclóricas afro-brasileiras e do ciclo natalino.

O sr. Mário Tertuliano da Silva, presidente do Maracatu Leão de Judá, programou para num dos intervalos do encontro especial homenagem a personalidades do Estado, em reconhecimento público aos serviços prestados. Assim, serão concedidos títulos de "Amigo da Umbanda", entre outros, ao prefeito da cidade do Recife, sr. Joaquim Francisco professor Sávio Vieira, secretário municipal da Educação e Cultura, deputados Eduardo Gomes, Joel de Holanda e José Tinôco, vereador Romildo Gomes, médico Moacir Lacerda e ao DIARIO DE PERNAMBUCO, na pessoa do jornalista Gladstone Vieira Belo, superintendente desta folha.

# Terreiro vai ser tombado

Segunda-feira, será dado início ao processo de tombamento, pela Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, do Terreiro de Pai Adão, considerado como um dos mais tradicionais no sincretismo religioso afro-brasileiro, localizado na Estrada Velha de Água Fria.

O terreiro pertence ao babalorixá Manoel da Costa, que congrega sob a sua orientação espiritual mais de cem casas, muito visitadas pelos adeptos e simpatizantes do Xangô. À solenidade, estarão presentes o secretário Bandeira de Mello, de Turismo, Cultura e Esportes, e Raul Lody, técnico da Funarte, especialista em assuntos afro-brasileiros.

A-10

DIARIO DE PERNAMBUCO



*A "Moradia das Almas" é patrimônio cultural*

# Terreiro do Pai Adão é tombado e rituais terão prosseguimento

Numa cerimônia simples, reunindo representantes de órgãos estaduais e federais de cultura, e filhos do Terreiro Obá Ogunté de Água Fria, foi assassinado, ontem à tarde, debaixo do irocô - árvore conhecida pelos adeptos e descendentes de Pai Adão como a "Moradia das Almas" - um documento que oficializou o tombamento do espaço físico do terreiro de Pai Adão.

O terreiro Obá Ogunté, de Pai Adão, como é mais conhecido, é um dos mais antigos de Pernambuco e pela tradição oral de seus atuais componentes - entre os quais está Maria do Bonfim Costa Santos, filha de Pai Adão, conta entre 100 e 150 anos de existência, mantendo até agora a tradição da expressão através do dialeto nagô, ensinamento transmitido às crianças das 40 famílias que ali residem, como forma de preservar viva a crença, o costume e a tradição africana da comunidade.

Por parte das autoridades da área cultural, falou o secretário Francisco de Assis Bandeira de Mello, de Turismo, Cultura e Esportes, que ressaltou a importância da memória cultural de Pernambuco, preservando o espaço físico do terreiro.

Raul Lody, pesquisador e Coordenador de Projetos Afro-Brasileiros da Funarte,

além de puxar um orô em homenagem a Oxalá, lembrou sua dedicação e integração aos estudos dos cultos afro-brasileiros, e ressaltou a importância de compreendê-los para entender melhor a cultura brasileira.

## DE MÃOS DADAS

O babalorixá Papai, neto de Pai Adão, cujo nome civil é Manoel do Nascimento, disse que o acontecido ontem, à tarde, merecia uma grande festa: "Aqui estão os negros do candomblé apertando a mão de senhores brancos, como nunca pensaram nossos antepassados ser possível. Como, entretanto, meu avô já me dizia que o candomblé seria a religião dos brancos, hoje vejo esta cena como o início desta realidade. O reconhecimento da importância de nossas crenças, de nossos costumes, para a história deste Estado".

Com o tombamento, cuja solenidade de oficialização foi assistida pelo antropólogo Waldemar Valente, pelo presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Fernando Freyre, presidente da Fundarpe e do Museu do Estado, o sítio de Pai Adão está preservado e poderá, de agora em diante, ser objeto de projetos de melhoramentos e restauração de suas dependências.

## *Brasil com S.*

O Grupo de Dança Contemporânea do Recife continua apresentando no teatro de Santa Isabel, às 21 horas, hoje a amanhã, o espetáculo "Brasil com S". Esse trabalho já foi mostrado no "I Ciclo de Dança do Recife", promovido pela Fundação de Cultura.

Trata-se de uma peça montada em cima de nossas tradições culturais, com danças folclóricas e danças contemporâneas, de forma homogênea.

A direção do espetáculo é de Isolda Pedrosa, com a participação de Sue Holder e Raimundo Silva, na parte coreográfica. No corpo de dança estão Andrea Brandt, Cleuba Barbosa, Cristina Fernandes, Deysy Rositr, Etiene Meyrinck, Luciana Gouveia, Mônica Lyra, Mônica Silvia, Silvana Gouveia, Thereza Motta, Alcides Cavalcanti, Ivan de Barros, Nivonardo Vieira, Rinaldo Ferraz, Rivaldo Júnior e Gilson Santana.

O espetáculo é dividido em duas partes. Na primeira são mostradas as diversas regiões brasileiras: O Norte, com sua população indígena "dentro de um ponto de vista não muito distante da realidade", conforme adianta a direção; o povo negro e toda herança cultural que deixou no Brasil, inclusive suas danças como o macu-



**A dança africana, à noite no Santa Isabel**

lelé, a capoeira e a roda de samba. Segue-se uma passagem pelas duas megalópolis brasileiras: São Paulo, cinza e dando uma idéia de solidão, e Rio de Janeiro, com toda sua alegria e samba e finalmente a região nordestina, uma região pobre mas de muita coragem e força.

O segundo ato é mais político, mostrando que apesar de todos os momentos que passamos, existe a

esperança de dias mais claros e de esperança. O primeiro número, é o momento ainda escuro onde se fala numa anistia de paz; o segundo é uma chamada à reconciliação; o terceiro é uma chamada de amor ao povo que nos descobriu, e o quarto é a esperança de todos os brasileiros, finalizando com "Aquarela do Brasil", conforme adianta Isolda Pedrosa.

## CIDADE

# Umbanda é tema de exposição

Um dos mais significativos exemplos da cultura afro-religiosa do homem pernambucano está sendo mostrado, desde ontem, na exposição "Culto Afro-Brasileiro - Um testemunho do Xangô Pernambucano", no Museu do Estado.

Na abertura da mostra, promovida pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, foi lançado um livro-catálogo, sobre as peças em exposição, de autoria do etnólogo Raul Lody, técnico da Funarte, especialista em assuntos afro-brasileiros.

## COLEÇÃO

A coleção, considerada no gênero, uma das três mais importantes do País, é composta por 307 peças de madeira, folhas-de-flandre, búzios, contas, cerâmica, couro, tecidos, penas, palitos de dendezeiro, latão, ferro, cobre, papel, entre outros materiais. São importantes objetos, que testemunham a cultura material dos terreiros de Xangô do Recife.

Explica o etnólogo Raul Lody que "cada objeto revela uma intenção de uso, situando marcas votivas e, também, os signos da sacralidade do Xangô.

## Xangô é tema de mostra

Um dos mais significativos exemplos da cultura afro-religiosa do homem pernambucano pode ser observado na mostra "Culto Afro-Brasileiro - Um testemunho do Xangô Pernambucano" que se encontra instalada no Museu do Estado. A Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes editou um livro-catálogo sobre as peças em exposição, de autoria do etnólogo Raul Lody, técnico da Funarte e especialista em assuntos afro-brasileiros.

A coleção, considerada no gênero uma das três mais importantes do País, é composta por 307 peças de madeira, folhas-de-flandre, búzios, contas, cerâmica, couro, tecidos, penas, palitos de dendezeiro, latão, ferro, cobre, papel, entre outros materiais. São importantes objetos que testemunham a cultura material dos terreiros de Xangô do Recife.

Explica o etnólogo Raul Lody que "cada objeto revela uma intenção de uso, situando marcas votivas e, também, os signos da sacralidade do Xangô, enquanto organização religiosa. As peças têm a marca do uso ritual, pois foram utilizadas nas liturgias dos terreiros de Xangô, funcionando nas relações de pais, filhos e mães-de-santo e adeptos e simpatizantes com os elencos dos Orixás, para contatos, também, com os caboclos e mestres, num fluente pensamento que reunia as divindades do Nagô e Jeje, detuses locais os caboclos, os mestres do Catimbó e santos católicos dos mais populares, como Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Conceição, Santo Antônio, São Cosme e Damião, entre outros.

## *Ritual de umbanda*

O encontro de xangô que foi realizado no Pátio de São Pedro, não levou grandes multidões até este local como se esperava nas noites das sextas e sábados conforme vinham sucedendo, ou o povo não gosta de macumba ou então preferiram ficar em casa vendo televisão.

No sábado 4/11/83, arrisquei dar uma passada por este local, observei por alguns minutos uma fraca apresentação de um terreiro que se apresentava, poucas pessoas estavam presentes e talvez por causa disso os integrantes não estavam nada motivados para uma média apresentação.

Se não fosse a mãe de santo ou mesmo a babalorixá Elda, que estando presente no local resolveu dar uma força na apresentação deste terreiro, não haveria motivos para escrever estas linhas. Tudo o que estava faltando na apresentação, mãe Elda conseguiu introduzir, sua autenticidade, motivação, liderança e competência deixou na mente de todos a capacidade que a mesma têm em relação a esta seita.

**Fernando Brandão dos Santos - Recife.**

## Religião e Folclore

Roberto Motta

Fui recentemente convidado para tomar parte num debate sobre se os cultos afro-brasileiros seriam religião ou folclore. Essa gripe renitente, que vem assolando o Recife, não me deixou aceitar. Mas fiquei com desejo incontrolável de manifestar minha opinião. É o que faço hoje, prosseguindo, pois o tema se presta a muitos desdobramentos, numa série de artigos. Não vou fazer improvisações. Alguns de meus leitores sabem que em maio último defendi com êxito, na Universidade de Columbia da Cidade de Nova Iorque, tese de doutorado sobre o Xangô do Recife e cultos afins.

Hoje ficarei nas preliminares. E começarei dizendo que nada proíbe determinado acontecimento de possuir, ao mesmo tempo, aspectos religiosos e folclóricos. O Natal é uma festa religiosa com muitos aspectos folclóricos. A Semana Santa está cheia de folclore. As festas dos santos encontram-se entre o que existe de mais folclórico na tradição brasileira, etc, etc. Esse lado folclórico pode ficar paralelo ao propriamente religioso ou podem os dois se fundirem quase numa coisa só. A liturgia cristã, a música sacra católica e protestante, está toda penetrada pelo folclore dos países ocidentais e isto desde a antigüidade, desde o canto gregoriano. Tenho para mim que a música religiosa é tanto mais nobre quanto mais profundamente enraizada na alma do povo. Só que, a partir daí, eu chegaria a conclusões diversas das da maioria dos atuais reformadores da liturgia católica no Brasil. O novo hinário, o que, de maneira geral, **não possui** são precisamente raízes profundas na alma popular.

Encurtemos o raciocínio, dizendo que nenhuma religião, se representar mais do jogo de intelectuais em busca de publicidade ou propaganda, deixará de ter ligações viscerais com a cultura popular e com o folclore. Portanto ao aparente dilema, "religião ou folclore?", pode-se responder de maneira muito simples: "ambos".

Se porém eu encerrasse aqui o artigo, eu deixaria o leitor frustrado. Ele pensaria que tenho, mais uma vez razão. Mas ficaria

também com a sensação desagradável de que escamoteei o problema principal. A grande pergunta é a seguinte. Os cultos afro-brasileiros devem ser encarados **essencialmente** como manifestações religiosas, merecedoras do maior respeito por parte de todos, ou como episódios **meramente** folclóricos, tratados condescendentemente por antropólogos, psiquiatras, políticos e guias de turismo?

Ah, leitor, minha resposta vem aos poucos. Por enquanto vou continuar com meu simplismo. Os cultos afro-brasileiros evidentemente possuem um lado folclórico riquíssimo, na música, na dança, nas tradições. Seria crime querer proibir folcloristas e etnólogos de se interessarem por ele, observando, gravando, comparando. A música sacra católica está toda registrada em livros e em discos, à disposição de musicólogos, lingüistas e historiadores. Por outro lado, não soa muito correto solicitar a ministros de determinada denominação religiosa que se exibam em palanques ou palcos, como se não passassem de histriões ou, na melhor hipótese, de artistas populares, sem a devida consideração pelo caráter especificamente religioso de suas atividades. E menos correta ainda, pode-se pensar, a atitude de pais-de-santo demasiadamente dispostos a se prestarem a tais exhibições.

No entanto existem atenuantes para seu comportamento. Primeiro, esses rituais de praça pública nunca mostram a parte mais reservada do culto. Nada de borbis, lavações, assentamentos ou iniciações. Nenhuma obrigação de sangue. A segunda atenuante prende-se ao próprio caráter da religião primitiva. O Xangô e o Candomblé, queiram ou não certos teólogos e antropólogos, são religião primitiva. Este será o assunto específico da próxima crônica. Por enquanto quero só adiantar que, se o folclore penetra todo fenômeno religioso digno do nome, penetra ainda mais os cultos primitivos, que constituem fatos sociais totais, ao mesmo tempo economia, sociedade, folclore, festa, teatro e religião.